

Após o assalto do Capitólio, o trumpismo seguirá vivo

Via [Revista Transversales](#)

1.- Em 6 de janeiro testemunhamos ao vivo o episódio mais importante do conflito que existe entre o trumpismo e o establishment para mudar o atual regime político dos Estados Unidos. É evidente que um golpe de Estado era inviável a curto prazo, pois as principais forças políticas, econômicas ou militares não o apoiavam; mas não era simplesmente uma loucura.

Por trás de todos esses cenários surrealistas de supremacistas ou neonazistas está um projeto que tem uma base social e apoio político. Trump e o trumpismo tentaram não só alterar o resultado eleitoral, mas também a relação de forças entre as instituições do Estado. Primeiro através dos juizes e da Suprema Corte (feita sob encomenda); caso contrário, eles tentaram envolver os governadores dos estados da Geórgia, Arizona, Pennsylvania, etc. Isto também não pode ser feito. Depois houve apenas o apelo da recusa do Vice-Presidente Pence em certificar os resultados em 6 de janeiro no Capitólio. Quando essa última tentativa fracassou, Donald Trump chamou milhares de manifestantes de todo o país para ocupar o Capitólio. Foi uma grande demonstração de força diante da impossibilidade legal de continuar sendo presidente por mais quatro anos. Trump sabia que não poderia raptar senadores e congressistas indefinidamente, mas o que ele poderia fazer, e tem feito, é fazer uma demonstração poderosa de si mesmo para o mundo.

Donald Trump não é um simples egomaniaco. O grave erro do estabelecimento e da mídia foi subestimar este “meteorito alaranjado” com o que estava acontecendo em todo o mundo e com a quantidade de votos já obtidos em 2016. Trump nunca esteve

sozinho. Ele tem tido meios econômicos muito fortes em alguns setores empresariais, suas bases sociais não são exclusivamente os brancos pobres do sul, mas as rendas acima de 100.000 dólares por ano. Ele tem tido o apoio de igrejas evangélicas e seitas que reúnem milhões de fanáticos. Até novembro foi apoiado pela mídia como a FOX, com a maioria dos juízes de todo o país e a Suprema Corte, e, crucialmente, todo o Partido Republicano fechou fileiras com Trump nestes últimos quatro anos. Somente depois de 3 de novembro é que esta enorme frente política começou a enfraquecer, mas não a quebrar. Enquanto alguns ainda falavam das loucuras de Trump, o egomaniaco manteve 134 congressistas e 8 senadores dispostos a seguir a charada das fraudes eleitorais, ele teve o apoio esmagador da classificação do Partido Republicano (neste momento até 45% contra 43% de seus eleitores apoiam o ataque ao Capitólio) e, o mais significativo, ele é o segundo candidato presidencial mais votado na história dos EUA (70 milhões de votos), depois, é claro, de Joe Biden. Assim, o Trumpismo tem suas raízes em uma base social e política muito poderosa.

3.- Não acredito que o equilíbrio do assalto ao Capitólio seja um desastre para o Sr. Trump, além do fato de que ele perderá apoio entre setores mais integrados ao estabelecimento. Seu roteiro não é tão imprevisível quanto parece, seu objetivo é um regime político mais presidencialista e autocrático no estilo de Putin, por exemplo. Nesse regime, as instituições estariam subordinadas a esse poder pessoal. Não é um caminho fácil, mas conseguiu corroer tudo pelo qual passou. E deixa o mundo com três mensagens muito perigosas: a vulnerabilidade da representação popular (tanto o sistema de votação quanto as câmaras); a impunidade de um setor da sociedade branca e reacionária diante de outro que foi duramente reprimido nas revoltas pelo assassinato de G. Floyd; e o sentimento geral de que, longe de recuar, o desafio lançado em Washington pela extrema-direita nacionalista pode ser realizado em qualquer lugar do chamado primeiro mundo.

4.- Resta refletir no futuro até que ponto os sistemas baseados na representação popular estão em crise, e até que ponto Trump, Bolsonaro e outros movimentos de extrema-direita são o maior sintoma. Em minha opinião, a crise hoje, ao contrário de outros momentos históricos, não é produzida por um aumento das revoluções ou uma polarização de classes, mas por uma violenta investida política de nacionalismos reacionários e da direita no mundo para estabelecer regimes políticos mais reacionários e antidemocráticos. Sob os discursos anti-globalização ou anti-elitistas se escondem não apenas “brancos pobres”, mas elites econômicas com interesses diferentes de outras elites, e amplos setores da classe média enquadrados em uma ampla gama cultural e religiosa onde predominam as crenças mais fanáticas, chauvinistas, loucas e racistas. A particularidade da situação reside no fato de que a iniciativa política dos últimos cinco anos é de todo esse espectro político: Brexit, Trump, Bolsonaro, Orban, etc., etc.

5.- Entretanto, a vitória de Biden-Harris e das maiorias do Partido Democrata no Senado e no Congresso poderia reverter a tendência dos últimos anos. Não que tenhamos ilusões na liderança democrática. Eles são atualmente os representantes dos interesses dos principais grupos econômicos do país (Tecnologia, Amazon, Farmacêuticos...) e, portanto, de Wall Street. Entretanto, é uma janela aberta para desenvolver melhor as lutas que têm ocorrido contra o racismo, os direitos das mulheres, os imigrantes ou os trabalhadores pobres.

Além disso, não tenho dúvidas de que o fim da idade das trevas que Donald Trump representou marcará um ponto de viragem na forma de combater a pandemia de SARS-CoV-2. O balanço até o momento é assustador e as responsabilidades da Administração Republicana (com seu negacionismo implícito) são decisivas.